



Breitner Tavares, sociólogo:  
dois anos de pesquisa

## Preconceito ainda persiste

O estigma de cidadãos de segunda categoria, moradores do limbo do Plano Piloto, até hoje persegue os ceilandenses. A Feira do Rolo, como embrião cultural da cidade, tem sido uma das vítimas mais atingidas pelo preconceito. Assim, por muito tempo, a Feira do Rolo apareceu na mídia como foco de bandidagem.

A tese de mestrado do sociólogo Breitner Tavares mostra que, antes de tudo, a Feira do Rolo é um significativo referencial para a memória coletiva dos ceilandenses.

Durante dois anos, os últimos seis meses em trabalho de campo, Breitner Tavares, que vive há 30 anos em Ceilândia, entrevistou 20 feirantes, policiais e funcionários da Administração Regional, além de misturar-se às 3 mil pessoas que freqüentam a feira, segundo calcula a Polícia Militar. Uma das observações do pesquisador é de que não há levantamento da polícia que comprove o comércio sistemático de armas de fogo no local. "A maioria dos freqüentadores vende ou troca mercadorias. O problema é que a polícia não diferencia essa pessoa do criminoso", comenta o sociólogo.

**SOBREVIVÊNCIA** - Nas blitzes, todo mundo ia para o paredão, incluindo famílias inteiras. Hoje, isso não acontece mais, pois a polícia atua com o setor de inteligência, que identifica os bandidos antes dos flagrantes.

O sociólogo enxergou na feira o embrião do patrimônio cultural de Ceilândia, o grupo original formador da sociedade local, predominantemente nordestino. Muitas dessas pessoas travam árdua luta pela sobrevivência e a Feira do Rolo é o meio que encontram para se inserirem na sociedade de consumo.

"A feira é um espaço alternativo, no qual quase não há circulação de moeda, de uma comunidade carente e segregada. É o resultado da periferização de Brasília", analisa Breitner Tavares.